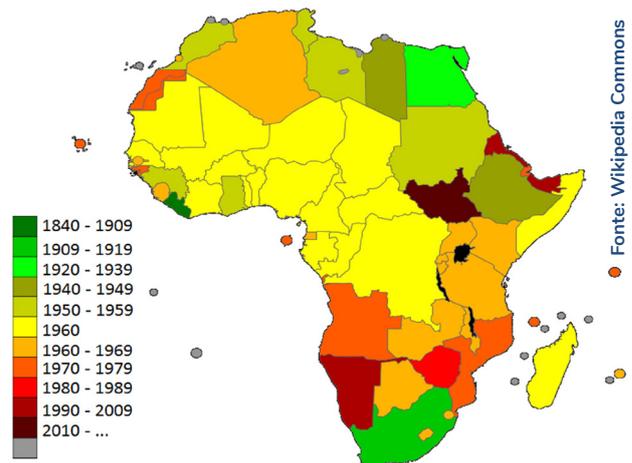




A DESCOLONIZAÇÃO DA ÁFRICA

CONTEXTO HISTÓRICO

O imperialismo das nações europeias em meados do século XIX, trouxe para o continente africano o fenômeno do neocolonialismo. Diferente do colonialismo da idade moderna no continente americano, essa nova forma de exploração foi o resultado da evolução do próprio sistema capitalista, que entrava na época em sua fase monopolista-financeira.



Sendo assim, o capital dos países industrializados da Europa precisava de lugares para onde pudesse se expandir. A África foi um desses lugares, pois existiam infinitas possibilidades de investimento a baixo custo no continente. Entretanto, após o final da Segunda Guerra Mundial e o crescimento das ideias nacionalistas entre os povos de África, surgiram alguns grupos que se organizaram para lutar pela independência em relação aos países europeus.

Por outro lado, no Pós-guerra a Europa passava também por um período de crise econômica. Neste quadro, a manutenção de impérios coloniais tornou-se insustentável. Junto a isso, surgiram ideologias que defendiam a autodeterminação dos povos como o panafricanismo e o pan-arabismo. Além disso, a Guerra Fria também foi importante neste contexto, na medida em que muitos países que lutavam pela independência contaram com o apoio da União Soviética e com a participação de militantes de esquerda de diversos lugares.

INDEPENDÊNCIA DO EGITO (1952-1956)

Após a construção do Canal de Suez em meados do século XIX, empreendimento que era de interesse dos britânicos, o Egito se tornou um protetorado britânico. O fato de Ismail Pasha, vice-rei do Egito, ter acumulado dívidas com a Inglaterra, facilitou para que os britânicos negociassem vantagens para eles.

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, o rei Faruk do Egito, negociou a retirada das tropas britânicas



Fonte: Wikipedia Commons



e sua limitação a área do Canal de Suez. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, cresceu o sentimento nacionalista entre os egípcios e logo surgiu um clamor para que os britânicos fossem expulsos de uma vez.

É nesse momento que se destaca o **movimento dos oficiais livres**, fundado por Gamal Abdel Nasser. É este movimento que irá derrubar o rei Faruk, que era simplesmente um monarca alinhado aos interesses britânicos. O primeiro presidente do Egito livre foi Muhammad Naguib, seguido logo depois por Gamal Abdel Nasser.



Fonte: Wikipedia Commons

Os líderes da revolução, Muhammad Naguib (esquerda) e Gamal Abdel Nasser (direita).

O novo governo era nacionalista, anti-imperialista, mas não alinhado com as superpotências (EUA e URSS). É neste sentido que o Egito de Nasser é um exemplo do movimento dos não-alinhados, expresso durante a Conferência de Bandung de 1955.

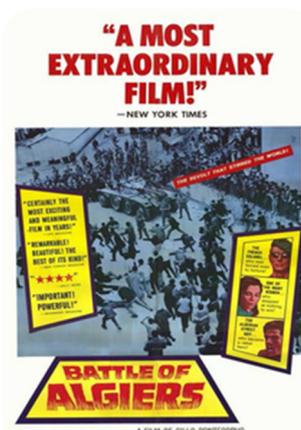
Seguindo a sua agenda nacionalista e anti-imperialista, Nasser nacionaliza o Canal de Suez em 1956, o que acabou gerando a **Crise de Suez**. O Estado de Israel provocou uma guerra com o Egito por ter ficado sem acesso ao Mar Vermelho, após a nacionalização desse Canal. E para isso, Israel contou com o apoio de França e Inglaterra. Contudo, por pressão dos Estados Unidos, União Soviética e ONU, os invasores se retiraram de Suez, que voltou para o controle egípcio.

INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA (1954-1962)

A Argélia havia sido conquistada pela França em 1830, após disputas comerciais no Mar Mediterrâneo. Desde então, o país tornou-se literalmente uma colônia francesa, com cidadãos europeus construindo comunidades lá. Entretanto, a população nativa era discriminada e tratada com violência.



Fonte: Wikipedia Commons



Fonte: Wikipedia Commons

Cartaz do filme “A Batalha de Argel”, que retrata a violência da guerra.

Aguerrapela independência da Argélia foi uma das mais violentas, pois envolveu uma verdadeira guerra civil, onde tanto os nativos argelinos, quanto os cidadãos franceses que lá moravam, tomaram parte, incluindo as mulheres argelinas.

Entre os revolucionários argelinos surgiram dois partidos que lutavam pela independência: a FLN (Frente de Libertação Nacional) e o Movimento Nacional Argelino (MNA). Além de lutarem contra os franceses, eles também tiveram que lutar entre si.



Os franceses foram extremamente violentos na repressão à população argelina e os casos de tortura eram escondidos através da censura à imprensa. Por outro lado, os revolucionários também cometeram várias violências em retaliação aos colonizadores. Após oito anos de batalha, a França foi obrigada a reconhecer a independência da Argélia em 1962.



Os franceses eram chamados de pés pretos (pied noir)

INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA (1961-1975)



Fonte: Wikipedia Commons

A luta pela independência de Angola contou com a participação de três grupos diferentes e rivais. Todos eles lutaram contra o domínio português, mas vencido o colonizador, passaram a lutar entre si pelo governo angolano.

Esses grupos eram: MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola).



Mas foi somente após a Revolução dos Cravos em Portugal (1974), que os revolucionários angolanos tiveram espaço para declarar a independência. De orientação socialista, o novo governo português renunciou às suas colônias. E na realidade, a dureza da guerra nas colônias portuguesas, que não ocorreu somente em Angola, mas também em Moçambique e na Guiné, influenciou os novos rumos políticos em Portugal. É necessário salientar que a Revolução dos Cravos foi levada a cabo por militares, pois eram eles que estavam na linha de frente lutando nas colônias.

O estopim da luta pela libertação de Angola foi a **Revolta dos Trabalhadores dos Campos de Algodão**, ocorrida na província de Malanje no ano de 1961. Um movimento dos trabalhadores de uma fábrica foi reprimido com extrema violência, a ponto de milhares terem morrido. Teve até mesmo o uso de forças da aviação contra os trabalhadores angolanos. Evidentemente isso gerou uma grande comoção que levou à guerra de independência.



Símbolo da Revolução dos Cravos.



No dia 11 de novembro de 1975, os três partidos angolanos (MPLA, FNLA e UNITA) proclamaram a independência. A partir daí iniciou-se uma guerra civil, que durou até 2002, quando os partidos resolveram depor as armas, embora desde 1992, já participassem do jogo democrático. Entretanto, Angola foi durante muito tempo comandada por um partido de orientação marxista-leninista (MPLA), cujo líder, Agostinho Neto, é considerado o pai da nação, tendo vencido todas as eleições.



Ao passo que a MPLA recebia o apoio de Cuba e da União Soviética, os outros dois partidos (FNLA e UNITA) eram apoiados pelos Estados Unidos. Portanto, podemos dizer que a guerra civil angolana foi sustentada pelo contexto da Guerra Fria, pois havia o interesse das superpotências (EUA e URSS) por trás.

INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE (1964-1975)

Em Moçambique, a luta de independência foi levada a cabo pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), de orientação marxista e que, assim como a MPLA, tinha o apoio da União Soviética e de Cuba. A guerra pela independência começou em 1964 e durou dez anos, ainda alguns meses depois da Revolução dos Cravos. Mas diferente de Angola, onde teve uma proclamação unilateral, a liberdade de Moçambique foi negociada entre a FRELIMO e Portugal.



Fonte: Wikipedia Commons



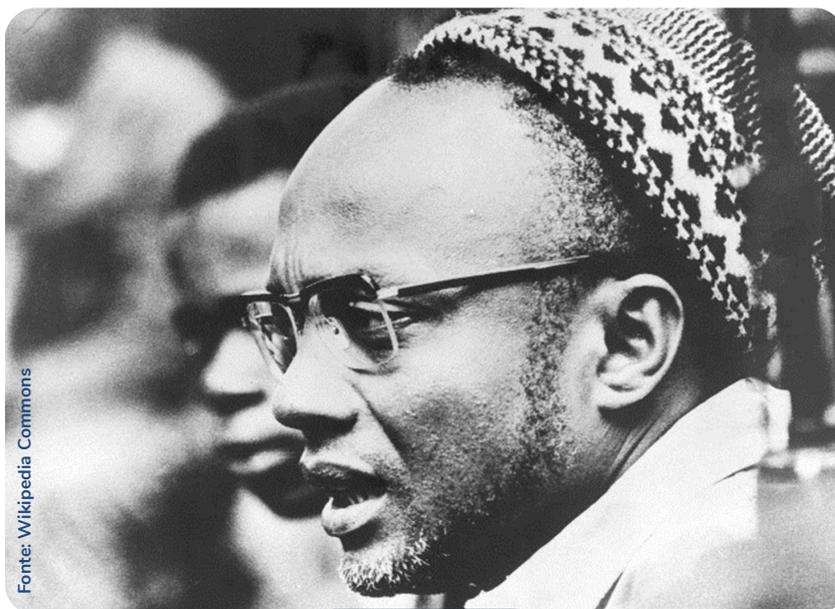
Samora Machel.

O primeiro presidente de Moçambique, Samora Machel, foi também um dos líderes militares da FRELIMO e da guerra de independência, tendo governado o país até a sua morte em 1986, em um acidente de avião.

INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ (1956-1974)

O ano de 1956 foi o ano de fundação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que passou a atuar pela libertação dessas regiões do jugo português. O seu principal líder foi Amílcar Cabral que, diferente dos outros líderes revolucionários das colônias africanas de Portugal, não se tornou o primeiro presidente, pois ele foi assassinado em 1973. A independência da Guiné portuguesa (Guiné Bissau e Cabo Verde), apesar de ter sido declarada nesse mesmo ano, só foi reconhecida por Portugal em 1974, após a Revolução dos Cravos.





Fonte: Wikipedia Commons

Amílcar Cabral.

INDEPENDÊNCIA DA ÁFRICA DO SUL

O processo de colonização da África do Sul guarda mais semelhanças com aquele ocorrido nas Américas do que com aquele que se deu no continente africano. No século XVII, os holandeses ocuparam parte da região e dois séculos depois, a Holanda vendeu a colônia para os britânicos. Ocorreram então problemas entre os britânicos e os colonos de origem holandesa, que migraram para o norte para uma região chamada Transvaal.



Fonte: Wikipedia Commons



A relação entre bôeres e britânicos foi perturbada pela descoberta de ouro e diamante no Transvaal, e no final do século XIX, as duas comunidades entraram em guerra, com uma vitória para cada, respectivamente. De todo modo, a vitória final coube aos britânicos



que, não obstante, concederam autonomia à colônia, fundando a União Sul-Africana em 1910. Apesar da autonomia, a União Sul Africana continuava fazendo parte do Império Britânico, e assim ficou até 1961, quando se dividiu em Namíbia e República da África do Sul.

É a partir desse momento que são criadas várias leis que, pouco a pouco, vão segregando e discriminando a população africana e de origem asiática na África do Sul. Como exemplo, podemos citar a Lei de 1913, que restringiu o acesso dos nativos à propriedade da terra. Por outro lado, em 1912, foi criado o Congresso Nacional Africano (CNA), que representava os interesses da população africana na África do Sul.

A institucionalização do Apartheid (segregação racial) vem somente em 1948, com a divisão da população em raças, sendo que a única raça totalmente privilegiada era a branca. Ao longo da década de 1950, essa discriminação se traduziu em identidades com o registro da cor do cidadão, proibição de casamentos interraciais, sistema diferenciado de educação e até mesmo a proibição do uso de instalações públicas. Por outro lado, um dos maiores símbolos da segregação racial foram os bantustões, que eram uma espécie de favelas onde os negros eram amontoados e segregados do resto da sociedade.



Líderes do Congresso Nacional Africano (CNA), 1914.

Ainda na década de 1950, o Congresso Nacional Africano aliou-se a outras organizações multiétnicas para assinar a Carta da Liberdade, onde denunciavam as leis do Apartheid e declaravam a intenção de viverem numa África do Sul livre de discriminação racial.



Vítimas do massacre.

O auge da repressão veio em 1960, com o Massacre de Sharpeville, no qual uma manifestação pacífica antiapartheid foi reprimida a rajadas de metralhadora, matando assim 69 pessoas e ferindo 180. Depois disso, as atenções do mundo voltaram-se para a África do Sul e seu sistema de apartheid.

No ano seguinte ao massacre (1961), a África do Sul declarou sua independência e tornou-se uma república. Nisto, intensificou-se a atuação de Nelson

Mandela como uma liderança antiapartheid e que comandava ataques violentos à repressão sul-africana. Ele é preso nesta época (1964) e sai da prisão somente em 1990, após forte pressão internacional.

